



VOZ DA FÁTIMA

Peregrinos de Esperança

EDITORIAL

O lugar único de Fátima na Igreja

Padre Carlos Cabecinhas

Acompanhar a Imagem de Nossa Senhora, venerada na Capelinha das Aparições, a Roma, para as celebrações do Jubileu da Espiritualidade Mariana, nos dias 11 e 12 de outubro, foi experiência que ficou gravada na memória e no coração de quantos viveram de perto aqueles dias, quer pela intensidade do que se viveu, quer pelo testemunho de amor e devoção dos inúmeros fiéis a Nossa Senhora de Fátima, quer pela presença do Papa Leão XIV junto da Imagem e pela sua oração à Senhora do Coração Imaculado.

O Papa Leão XIV, que tinha convidado todos os cristãos a rezarem pela paz no mês de outubro deste ano jubilar, com confiança filial, quis rezar pela paz diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que, em 1917, veio falar de paz e pedir que rezássemos pela paz. Quando foi pedida a ida da Imagem a Roma, não estava previsto que fosse o Papa a presidir à vigília de oração do dia 11 de outubro, mas apenas à missa do dia 12. Porém, Leão XIV quis presidir àquele momento de oração na Praça de São Pedro. Mais ainda, convidou os cristãos a unirem-se a ele nessa jornada de oração mariana, rezando pela paz. No dia seguinte, Leão XIV consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria, diante da Imagem daquela Senhora que, em Fátima e Tuy, tinha pedido a consagração ao seu Coração materno e sem mancha. O carinho do Papa diante da Imagem de Nossa Senhora expressou-se no enlevo do seu olhar, no toque da sua mão, mas também na oferta da Rosa de Ouro.

Num breve momento de encontro com o Santo Padre, assegurei-lhe que, em Fátima, os peregrinos o têm sempre presente na oração e rezam por ele. Disse-lhe que acolhemos o seu pedido a rezarmos pela paz, não apenas no mês de outubro, mas sempre, em cada dia. Por fim, disse-lhe que os peregrinos de Fátima aguardam a sua visita a Fátima: depois da visita da Imagem de Nossa Senhora ao Papa Leão XIV, em Roma, esperamos a visita do Papa a Nossa Senhora, em Fátima.

Mas Nossa Senhora de Fátima não tocou apenas o coração do Papa: tocou o coração dos inúmeros fiéis, que, com emoção, saudaram a sua Imagem e rezaram diante dela, quer na Igreja de Santa Maria in Traspontina, quer na Praça de São Pedro. Não é possível ficar-se indiferente diante das expressões de profunda devoção e amor a Nossa Senhora de Fátima de filhos que entregam as suas alegrias e tristezas, preocupações e angústias nas mãos de Maria, Mãe da Igreja.

Desta forte experiência de fé e destes acontecimentos tão significativos, fica em evidência o lugar único de Fátima na Igreja, o lugar especial que ocupa no coração do Papa e a atualidade da sua mensagem de paz e de esperança.

Momento histórico para Fátima

A ida da Imagem de Nossa Senhora a Roma, nos dias 11 e 12 de outubro, permitiu escrever um novo capítulo na história de Fátima e na ligação ao Papa Leão XIV.

Patrícia Duarte

“Um momento particularmente intenso” e “uma ocasião muito especial para todos os devotos de Fátima”: são estas as expressões a que o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, recorre para descrever a ida da Imagem de Nossa Senhora de Fátima a Roma, nos dias 11 e 12 de outubro, por ocasião do Jubileu da Espiritualidade Mariana.

A presença da escultura centenária no Vaticano escreveu um novo capítulo na história do Santuário e também na ligação ao atual Sumo Pontífice.

A vigília de oração pela paz, realizada ao final do dia 11, na Praça de São Pedro, foi iniciada com a oferta da Rosa de Ouro pelo Papa Leão XIV, a primeira do seu pontificado. “O que vivemos foi uma experiência profundamente espiritual para todos os participantes”, afirmou o padre Carlos Cabecinhas, para quem a oferta da Rosa de Ouro à Imagem de Nossa Senhora e ao Santuário de Fátima foi um dos momentos mais significativos. “Destacaria nessa vigília dois momentos. No início, quando oferece a Rosa de Ouro, o Papa fica um momento em oração diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima e, no final, antes de se retirar, para de novo diante da Imagem, em oração”.

No dia 12, a Imagem voltou a ser recebida com grande emoção pela multidão, reu-



nida na Praça de São Pedro para a missa dominical presidida pelo Santo Padre. Na celebração, o Papa Leão XIV refletiu sobre a espiritualidade mariana como caminho de encontro com Deus e consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria.

“Embora seja uma grande responsabilidade trazer a Imagem de Fátima a Roma, é também um serviço valioso que o Santuário presta à Igreja universal”, sublinhou o diretor do Museu, Marco Daniel Duarte. “Diante daquela Imagem passaram as alegrias e as dores da humanidade, as doenças, as fragilidades e o clamor por consolo materno”, acrescentou.

O reitor concluiu, afirmando que “foi, sem dúvida, uma ocasião muito especial para todos os devotos de Fátima, um momento histórico em que vimos, pela primeira vez, o Papa Leão XIV tocar na Imagem de Nossa Senhora de Fátima”.

A Imagem regressou ao Santuário na noite de 12 de outubro, nos momentos finais do primeiro dia da Peregrinação Internacional. Foi recolocada na Capelinha das Aparições, durante a procissão do silêncio, ao som do cântico *Totus tuus*, Maria. Já no seu lugar habitual, foi incensada e, à sua frente, colocada a Rosa de Ouro oferecida pelo Papa.

Entre a fé e o dever de guardar o maior

A Imagem de Nossa Senhora de Fátima viajou até Roma, ao encontro do Santo Padre, para participar no Jubileu da Espiritualidade Mariana. Foi uma viagem marcada pela emoção, pela fé e por um exigente trabalho de bastidores.

Patrícia Duarte

Quando a Imagem de Nossa Senhora de Fátima deixou a Capelinha das Aparições, rumo ao Vaticano, levava consigo a devoção de milhões de fiéis. Para a comitiva que a acompanhou não se tratou de uma simples viagem. Foi um exercício de fé e de responsabilidade, vivido entre a emoção e o rigor.

Para os vigilantes António Carreira e Sérgio Vieira, responsáveis pela segurança e transporte da escultura, o peso que carregavam era muito superior aos 36,5 quilos do estojo que acomodava a Imagem. Há um peso psicológico que não é mensurável.

“Foram dias muito intensos”, recorda Sérgio Vieira. “O transporte é uma operação delicada e nós estamos sempre em alerta”, refere, apontando como momentos de maior tensão aqueles em que os peregrinos procuravam tocar na escultura.

Foi, aliás, nas multidões que os olhos dos dois vigilantes pousaram a maior parte do tempo, estudando os movimentos das pessoas e fazendo “juízos *a priori*”, como descreve Sérgio Vieira.

Fica a dúvida se, de tão focados no lado humano, conseguiram olhar para a Imagem pela qual zelavam. Os dois vigilantes garantem que sim, sobretudo nas celebrações, na Praça de São Pedro, em que a segurança estava entregue aos guardas do Vaticano.

“Fomos em trabalho, é certo, mas também com o coração de peregrinos. Estivemos presentes nas celebrações, nos rosários, na missa do dia 12 e vivemos tudo com fé, ainda que com a preocupação constante da segurança”, completa Sérgio Vieira.

Ao seu lado, António Carreira partilha o mesmo sentimento: “foi uma honra ir. O que nos foi pedido foi claro:



preservar a Imagem de Nossa Senhora, porque é um ícone mundial. Fizemo-lo com todo o cuidado, com ensaios prévios para garantir que nada ficava ao acaso”.

A missão a que se entregaram naqueles dias não diferiu daquela que assumem diariamente no Santuário. Porém, fora do ambiente habitual, o grau de imprevisi-

bilidade aumenta e os riscos também.

Foi a António Carreira que, nas viagens de avião, coube acompanhar a Imagem em 1.ª classe. Na ida e no regresso, seguiu durante três horas com a mão a proteger o pequeno estojo da coroa preciosa. “Para lá, foi com a mão esquerda, para cá com a direita”, recorda, sorrindo.

“Nunca se sabe o que pode acontecer com as oscilações do avião. Preferi não largar”.

Da viagem a Roma destaca o cumprimento ao Santo Padre: “foi uma coisa extraordinária que ficará para a vida”. A consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria foi outro dos momentos que viveu com particular intensidade.



Para os dois vigilantes, esta foi uma viagem pela qual se sentiram especialmente gratos. O convite a Sérgio Vieira, um dos responsáveis de turno, e a António Carreira, um dos vigilantes-sacristães mais experientes e com mais anos de serviço no Santuário, foi uma forma de reconhecer o espírito de missão com que se entregam ao exercício das suas funções, explicou o diretor do Departamento de Vigilância e Gestão Operacional, André Silva.

Um trabalho invisível, mas essencial

A viagem a Roma envolveu igualmente a equipa de conservadores-restauradores do Museu do Santuário de Fátima.

Para além do acompanhamento de perto e em permanência de todas as etapas que envolveram transporte — rodoviário, aéreo e até em andor — coube a Ana Rita Santos e a Carlos Henriques o manuseamento tanto da Imagem como da coroa, sob supervisão do diretor do Museu, Marco Daniel Duarte.

Ana Rita Santos descreve o desafio como uma operação extremamente complexa, que exige um planeamento minucioso: “o papel que desempenhamos é o de *couriers* de obras de arte”, explica. É necessário “estudar e identificar meticulosamente os riscos a que as peças poderão estar sujeitas durante a viagem e desenvolver procedimentos que eliminem ou minimizem as situações de risco”, detalha.

“Para a viagem foi preparado um kit com produtos e equipamentos que pudessem vir a ser necessários em caso de dano ou alteração provocada pelas oscilações

símbolo da devoção mariana

de temperatura e humidade relativa a que a escultura esteve sujeita durante este período”, acrescentou. Mas a ausência de incidentes determinou que este tipo de intervenção não viesse a ser necessário.

O conservador-restaurador Carlos Henriques partilhou com Ana Rita essa tensão silenciosa: “Além das enormes distâncias a percorrer e as mudanças ambientais a que a Imagem é exposta, o maior desafio é a imprevisibilidade do comportamento humano, de quem carrega o andor, do devoto ou do curioso”.

Entre as etapas mais significativas da viagem, os dois conservadores elegem momentos diferentes, mas há um em que convergem: a chegada ao Santuário de Fátima e a recolocação da Imagem na peanha. Para Carlos Henriques, foi um momento marcante “pelos peregrinos que aguardavam a sua chegada e pela conclusão da viagem, que decorreu sem incidentes ao nível da conservação da escultura”. Para Ana Rita Santos, a chegada ao Santuário teve um sabor especial, “pelos milhares de peregrinos que aguardavam ansiosamente o regresso da Imagem da Capelinha e pelo sentimento de dever cumprido após a sua recolocação no lugar da aparição”.

A emoção de milhões

Em Roma, na manhã e tarde do dia 11 de outubro, a Imagem esteve exposta na Igreja de Santa Maria in Traspontina. “Foi comovente ver tantos fiéis depositarem as suas preces diante de Maria”, descreveu o reitor do Santuário, padre Carlos Cabecinhas. As longas filas de peregrinos, muitos com lágrimas nos

olhos, confirmaram o impacto universal da devoção a Nossa Senhora de Fátima.

“Mais uma vez se percebeu claramente o poder gravitacional, simbólico, desta escultura, que é muito fácil de analisar do ponto de vista das suas materialidade e plasticidade, mas depois quando se vê diante dos fiéis que passaram por ela, percebemos como aquele ícone é verdadeiramente uma mediação muito rápida em relação àquilo que ela representa”, analisou o diretor do Museu do Santuário de Fátima, Marco Daniel Duarte.

Para o padre carmelita Giuseppe Midili, pároco da Igreja de Santa Maria in Traspontina, que recebeu uma numerosa e compacta assembleia de fiéis, a presença da Imagem foi motivo de grande alegria.

“É uma belíssima experiência para esta comunidade acolher a Imagem de Nossa Senhora de Fátima. Vê-la aqui, no meio de nós, levamos a elevar o olhar para o céu, para o paraíso, e, como anfitriões, procurámos transformar esta presença num verdadeiro encontro de vida espiritual”, afirmou o padre Midili.

A família Gouveia — Eduardo, Inês e o pequeno António —, natural da Covilhã e atualmente emigrada na Suíça, esteve entre os peregrinos que acorreram à Igreja de Santa Maria in Traspontina.

“Somos peregrinos assíduos de Fátima e viemos a Roma como peregrinos neste Ano Jubilar. É com muita alegria que encontramos aqui a Imagem de Nossa Senhora de Fátima. Há pouco, o nosso filho dizia que já a tínhamos visto muitas vezes, mas eu explicava-lhe que este momento era especial, por ser a sua vinda a Roma”, contou Eduardo, emocionado.



Também entre os participantes estava Gabriel, seminarista indiano dos Missionários da Caridade, que estuda em Roma e não quis perder a oportunidade de estar junto da Virgem.

“É uma graça muito grande para mim e para todos nós estarmos hoje diante de Nossa Senhora de Fátima. Como não podia ir ao Santuário,

esta presença em Roma está a ser uma experiência muito bonita e gratificante”, afirmou o jovem.

Já o padre Álvaro Rocha, da Paróquia de São João da Madeira, Diocese do Porto, munuiu-se das palavras do Papa Francisco para descrever a vivência deste Jubileu em Roma: “Maria é o modelo do peregrino e Nossa Senhora

de Fátima faz-nos caminhar para Jesus, esse é o sentido da nossa presença aqui”.

Maria continua a atrair

No balanço da viagem a Roma, a irmã Ângela de Fátima Coelho, que integrou a comitiva, recupera as palavras do Papa Leão XIV, na homilia da missa do dia 12 de outubro, e descreve que foi “com muita comoção” que acompanhou a Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima — o acontecimento e o lugar que mudaram, para sempre, a face da terra — a Roma.

A superiora geral da Aliança de Santa Maria conta que guardará a ternura do olhar que o Santo Padre dirigiu à Imagem de Nossa Senhora, durante a recitação do rosário e a adoração eucarística: “por um instante senti um farol de esperança a brilhar intensamente, de novo, sobre o mundo, indicando o caminho que nos pode conduzir à paz”, refere.

Sobre “aquele mar de peregrinos que venerou a tão amada Imagem de Nossa Senhora, expressão da ternura de Deus”, salienta que “Maria continua a atrair, a chamar os seus filhos e a conduzi-los até Deus”.

“Aquele que sempre se deixa encontrar por quem a procura foi contemplada, mesmo por quem não conseguia ver, pois só o olhar interior pode acolher a beleza destes dois dias intensos vividos em Roma”, conclui.

Entre o trabalho invisível e a fé partilhada, a viagem da Imagem de Nossa Senhora de Fátima a Roma revelou-se uma peregrinação de todos: dos que a guardaram com as mãos, dos que a veneraram com o olhar e dos que a seguiram com o coração.



Leão XIV aos pés de Nossa Senhora de Fátima

Na Praça de São Pedro, diante da Imagem original de Nossa Senhora de Fátima, o Papa Leão XIV rezou pela paz e lembrou que, à semelhança de Maria, “a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes”.

Patrícia Duarte

Leão XIV foi o terceiro Papa que, na Praça de São Pedro, se ajoelhou em oração diante da Imagem original de Nossa Senhora de Fátima. Depois de João Paulo II e de Francisco, aquele que agora lidera os desígnios da Igreja Católica rezou, nos dias 11 e 12 de outubro, diante da escultura que é venerada na Capelinha das Aparições e pousou as mãos nos pés da Virgem de Fátima.

Foi ainda no pontificado de Francisco que o Santuário de Fátima recebeu o pedido para que a Imagem de Nossa Senhora estivesse presente, em Roma, no Jubileu da Espiritualidade Mariana. O Dicastério para a Evangelização considerou que a presença da Imagem da Virgem Maria no evento enriqueceria “ainda mais este momento de oração e reflexão”. D. Rino Fisichella, pró-prefeito do Dicastério, deu força ao pedido quando descreveu a Imagem como “um dos ícones marianos mais significativos para os cristãos de todo o mundo” e sublinhou que a presença da amada Imagem original de Nossa Senhora de Fátima permitiria a todos fazer a experiência da proximidade da Virgem Maria.

Assim foi, a começar pelo próprio Papa. No dia 11 de outubro, Leão XIV marcou o início da vigília de oração, prevista no programa daquele dia, com a oferta de uma Rosa de Ouro a Nossa Senhora de Fátima e ao Santuário de Fátima.

Ao chegar ao altar, o Papa recebeu de D. Rino Fisichella uma Rosa de Ouro, que colocou aos pés da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, permanecendo em oração por alguns instantes. Seguiu-se o rosário, com a recitação das dezenas a ser acompanhada por uma leitura da constituição



dogmática *Lumen Gentium*, num gesto que assinalou os 63 anos da abertura do Concílio Vaticano II. O coro entoou o *Ave de Fátima* entre cada mistério, e, no momento do Salve-Rainha, o Papa ajoelhou-se diante da Imagem em profunda veneração.

Durante a vigília, Leão XIV desafiou os fiéis a confiarem à intercessão de Maria “o anseio de paz que brota de toda a humanidade”. Na reflexão final, insistiu que a paz “é desarmada e desarmante”, fruto não de vitórias, mas “da justiça e do corajoso perdão”. “Tenham a audácia de se desarmarem!”, apelou o Santo Padre, apontando o exemplo de Maria, que, no *Magnificat*, “escolhe os pequenos e permanece ao lado dos últimos da História”.

O Papa concluiu a celebração com uma breve oração mariana, pedindo a intercessão de Nossa Senhora pela paz.

Consagração ao Imaculado Coração de Maria

Na missa que encerrou o Jubileu, Leão XIV dirigiu-se especialmente aos responsáveis de santuários e movimentos marianos, exortando-os a viver uma espiritualidade centrada em Cristo, promotora de comunhão e transformação social.

“Sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na natureza revolucionária do amor e da ternura”, afirmou, lembrando que “a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes”.

O ponto alto da celebração foi a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, realizada perante a Imagem da Virgem de Fátima. Antes da bênção final, o Papa aproximou-se da escultura, proferiu a oração de consagração e permaneceu em silêncio por alguns instantes, acompanhado por mais de 30 mil fiéis reunidos na Praça de São Pedro.

Oferta do terço oficial

Na manhã do dia 12, no momento de cumprimento ao Papa que antecedeu a missa do Jubileu da Espiritualidade Mariana, o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, ofereceu a Leão XIV o terço oficial em ouro e topázios. Significativo para a oração do rosário, o terço “a todos lembra que a Senhora mais brilhante que o Sol se faz portadora dos mistérios da salvação, postos à contemplação da humanidade peregrina que caminha guiada pelo sinal da cruz”, referiu uma nota emitida pelo Museu do Santuário de Fátima.

ORAÇÃO DE CONSAGRAÇÃO

Virgem Santa, Mãe de Cristo, nossa esperança, a tua presença atenta neste ano de graça acompanha-nos, consola-nos e dá-nos, nas noites da História, a certeza de que em Cristo o mal foi vencido e que todo o homem é redimido pelo seu amor.

Discípula perfeita do Senhor, guardaste no coração todas as coisas de Deus. Ensina-nos a escutar a Palavra e a compreendê-la interiormente, para caminharmos seguros no caminho da santidade.

Ao teu Coração Imaculado confiamos o mundo inteiro e toda a humanidade, especialmente os teus filhos atormentados pelo flagelo da guerra.

Advogada da graça, indica-nos o caminho da reconciliação e do perdão. Não deixes de interceder por nós na alegria e na dor e alcança-nos o dom da paz que tanto imploramos. Mãe da Igreja, acolhe-nos benignamente, para que sob o teu manto possamos encontrar refúgio e ser socorridos pelo teu auxílio materno nas provações da vida.

Contigo, Virgem Imaculada, manifestamos o Senhor, reconhecendo em cada momento as grandes obras do seu amor. Virgem Santa, Mãe Assunta ao Céu, Rainha da Paz, Senhora do Coração Imaculado, roga por nós.

Mensagem e Carisma

Institutos de Vida Consagrada fundados a partir de Fátima

SERVAS DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Fundadora: Luiza Andaluz (1877-1973)

Local de fundação: Lisboa (Portugal)

Tipo de Instituto: Instituto de Vida Consagrada (feminino, de vida ativa)

Ereção canónica: 1939 (decreto diocesano); 1981 (decreto pontifício)

Comunidades no mundo: Angola, Bélgica, Guiné-Bissau, Luxemburgo, Moçambique e Portugal

Carisma: Assumem-se como anunciadoras de Jesus Cristo, em comunhão com toda a Igreja, procurando seguir o exemplo de serviço e missão de Maria no sacerdócio de seu Filho no mundo. Desenvolvem a sua missão, colocando-se sob a proteção da Virgem de Fátima, atuando em áreas como a pastoral, a educação, entre outras, procurando sempre servir as populações nas quais estão presentes.

Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 414-OUR.I.2330

Raffaele Scorzelli/Lello Scorzelli, 1963-1967

Prata fundida, batida, relevada e patinada

64,4 x 20,5 x 9 cm (cruz)

Férula do Papa Paulo VI

A férula, de prata, possui remate escultórico em cruz, arrancando a partir de nó paralelepípedo no qual se vê, em cada uma das faces, um dos símbolos dos Evangelistas: na frente, o anjo de São Mateus; à direita, o touro de São Lucas; no verso, a águia de São João; à esquerda, o leão de São Marcos. Sobre a águia está o brasão de Paulo VI, pendendo dos pés desta ave uma faixa com inscrição alusiva à visita deste Papa a Fátima, em 13 de maio de 1967. Sobre a cruz, o Crucificado surge aureolado.

Dos volumes delgados da obra destaca-se a figura de Cristo, não só pelas suas dimensões, mas, sobretudo, pela sua pose. Ligeiramente inclinado para a frente, o Crucificado ostenta os cravos nos pulsos, o que permite posicionar as mãos ligeiramente acima dos braços da cruz. Deste modo, além de uma mais correta interpretação histórica da cena, o autor sublinha o movimento dos braços e da cabeça de Cristo, dirigidos ao observador, sublinhando já a ideia da vitória pascal.

Esta obra faz parte do conjunto de férulas que Paulo VI encomendou a Raffaele Scorzelli, mais conhecido por Lello Scorzelli, documentando o interesse deste Papa por um diálogo entre a Igreja e a arte contemporânea. Paulo VI ofereceu esta férula ao Santuário de Fátima, em 1967, por ocasião do Cinquentenário das Aparições, tendo o Sumo Pontífice, na mesma ocasião, doado outras alfaías litúrgicas ao Santuário.

Museu do Santuário de Fátima



Fátima (topónimo)

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

FÁTIMA AO PORMENOR

Embora não seja fácil colher unanimidade entre os investigadores acerca das origens do topónimo “Fátima”, não há dúvida de que esta palavra tem ressonância árabe, provenha ela do antropónimo Fátima (como o nome da filha de Maomé) ou de um nome topográfico, descritor de uma paisagem com um acidente orográfico.

Se àquele primeiro sentido

com etimologia a partir de ‘al fāṭmá’ [= a que desmama uma criança, a que corta com a cria] se atribuem dificuldades, porquanto não é fácil reconhecer como uma mulher, em contexto muçulmano, pudessem ser dona de um território e, por conseguinte, que esse território pudesse tomar nome a partir desta sua improvável proprietária, a formulação que deriva do nome comum

‘al hatima’ [= bico de pássaro, nariz, cume, pico], descrição gráfica de um pequeno cabeço ou elevação de terreno, não é aceite por todos os filólogos.

Esta última hipótese pode explicar, contudo, a forma como os habitantes naturais de Fátima, sobretudo os mais velhos, ainda hoje se referem à localidade, usando o artigo antes do topónimo (“a Fátima”; “ir à Fátima”; “venho da

Fátima”; “aconteceu na Fátima”), uso que não fora adotado pelos peregrinos que, dos diferentes lugares do país, se referem a este lugar. O uso deste artigo, que por erudição e maior afastamento psicológico-geográfico do lugar se perdeu nos falantes “estrangeiros” da língua, manteve-se, por exemplo, no título da publicação oficial do Santuário de Fátima que sempre con-

servou essa forma próxima de se referir ao lugar: “Voz da Fátima”.

Aspeto curioso relativo a este topónimo é, ainda, a rápida adoção de Fátima para nome de mulher, homenagem à Virgem de Fátima que deu origem ao facto de muitas crianças do sexo feminino serem batizadas com este nome, quer em Portugal quer noutros países do mundo.



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Dos meus tempos de missão no norte da Tanzânia, recordo o quanto me marcou ver chegar ao dispensário que tínhamos na missão espiritana jovens meninas *maasai* para consultas de gravidez. Algumas teriam pouco mais do que 13 ou 14 anos e chegavam por vezes em estado já avançado de gravidez para um acompanhamento do final da gestação. Chocava-me a sua juventude tão cedo, demasiado cedo, entregue à tarefa difícil da maternidade. Mas fazia, já na altura, um esforço por não ceder

Cobrir o rosto

Pedro Valinho Gomes é teólogo

a um julgamento precipitado sobre aquela outra cultura com uma visão do mundo que, por muito que eu não compreendesse, era a prática de um povo. Os missionários que trabalhavam diretamente com os *maasai* sabiam bem o quão importante era propor a promoção da mulher e das crianças, a educação sexual ou o fomentar da liberdade e dos direitos sem impor ou hostilizar. O fermento leve da massa por dentro, não a rejeita por completo.

Lembro-me também de, nos meus tempos ingénuos de estudo da teologia no Quénia, tentar convencer uma colega muçulmana de que a imposição do véu às mulheres era um atentado aos seus direitos e o prolongamento de uma injustiça. Ela, jovem universitária muçulmana numa univer-

sidade católica, com uma educação superior e uma grande abertura de espírito, discordava. Ela usava véu. Tratava-se, para ela, de uma questão cultural que ela não via como uma imposição, mas como uma identidade, um lugar de pertença que ela acolhia na liberdade. Desconstruiu-me, aquele diálogo. Porque, embora condene qualquer imposição à liberdade de quem quer que seja, compreendo que o diálogo (ou o conflito) de visões diferentes do mundo não se resume a decretos simplistas.

Numa democracia, o Estado tem por missão velar pela liberdade de todos os cidadãos. A imposição de cobrir o rosto a uma mulher é obviamente um atentado a essa norma primeira da liberdade que é já condenada pela lei. O

tema evoca-me a filosofia de Emmanuel Levinas, focada na responsabilidade ética a que o rosto obriga: “O rosto é um significado em si mesmo. Tu és tu. Neste sentido, podemos dizer que o rosto não é ‘visto’. É aquilo que não pode tornar-se um conteúdo que o pensamento abarcaria; é o indiscutível”. E Levinas acrescenta: “Assim que alguém olha para mim, sou responsável por essa pessoa, sem sequer ter de a responsabilizar”. A metáfora do rosto é mais do que uma metáfora. É de liberdade que o rosto fala.

O Estado tem também por missão assegurar a segurança de todos os cidadãos, o que aliás faz já pela possibilidade de exigir a identificação de uma pessoa em circunstâncias particulares.

Mas o que o Estado não pode fazer é utilizar a

legislação como uma arma de arremesso contra uma cultura, uma religião ou um grupo específico de cidadãos. As expressões simbólicas de uma religião não são absolutos e podem e devem transformar-se para que continuem a ser expressão do significado profundo para o qual apontam. O encontro de culturas, a transformação do pensamento, a renovação do imaginário social trabalhado por sociedades culturalmente pluralizadas transforma o nosso olhar sobre muitas das nossas expressões religiosas e culturais. O que não se pode é aceitar o mito da cultura monolítica, imutável e superior a outras e, menos ainda, a ideia de que a lei promova o medo do outro e o ódio do diferente. Que assim seja é o que, de facto, nos devia fazer cobrir o rosto... de vergonha.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Poderá estar ainda bem presente na memória o recente roubo das jóias do Louvre. A sua grande mediatização deveu-se ao facto de o assalto ter sido precisamente no Museu do Louvre, ‘templo’ do património europeu e ícone da civilização da razão, da ordem, do progresso e do poder, cuja segurança constitui uma das suas principais expressões. Segundo a visão de Matheus Quintiliano, num artigo publicado em *Transmissão Política*, o facto de apenas em sete minutos ter sido possível vencer o sistema de alta segurança do Museu significa, mais do que um simples assalto, um eventual “pôr a nu” a vulnerabilidade dos alicerces do *imperium*

Ladrão?

A irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

rationis, ou, por outras palavras, aquele que se tem como conquistador e controlador afinal não é impenetrável.

Pode lembrar também o que disse Jesus: “Se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não o deixaria arrombar a sua casa. Estai vós também preparados, porque na hora em que não pensais virá o Filho do homem” (Lc 12,39-40).

Jesus não se referia propriamente a sistemas de segurança; antes, pelo contrário, lembrava que todos os sistemas e seguranças humanas são falíveis; e uma vez que todos os bens são alienáveis e perecíveis, vale a pena perguntarmo-nos se não estamos a pôr a nossa segurança onde ela não está: méritos, competências, conquistas, sucessos, posse, bens, pessoas, poder e influência, etc. Segundo o livro do Génesis, ao criar o ser humano, Deus dotou-o da vocação de cuidador e guarda de todo o criado. Não

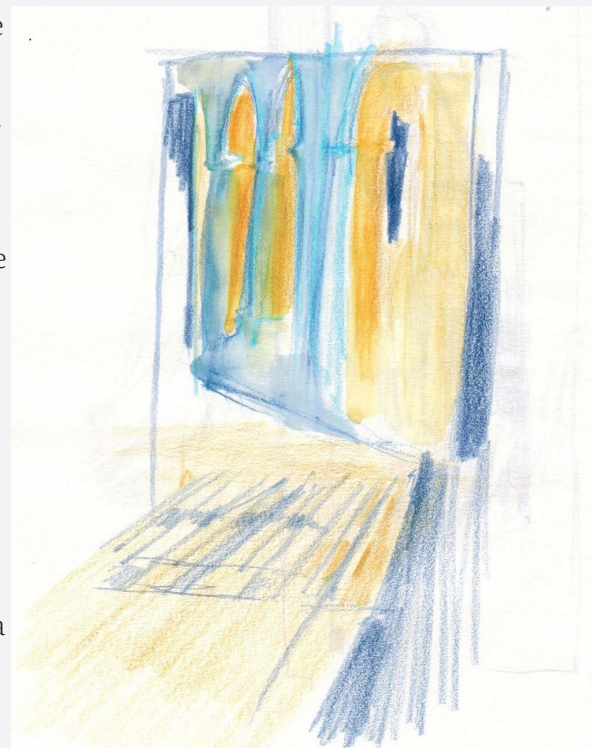
está em causa, portanto, o legítimo zelo pelo património, mas a sua posse e o fim. Quando o olhar não está posto no horizonte do “fim sem fim”, que na experiência cristã é um Alguém em Três Pessoas, caminha-se, tarde ou cedo, para o vazio.

A única maneira de vivermos preparados e seguros, segundo ensina Jesus, é vivermos de coração centrado naquele que é Senhor da vida, do tempo e de todos os bens; o que, conseqüentemente, significa uma capacidade de desprendimento em relação àquilo que, mais cedo ou mais tarde, passa. Segundo S. João da Cruz, “no entardecer da vida seremos julgados pelo amor”. E nesse sentido, enquanto o tempo é tempo, preparar significa conversão interior, mas também empenho na construção da *polis* efémera a partir de valores “sem fim”.

Ao que dá o seu assentimento a centrar o coração e a vida em Deus, acontece fre-

quentemente a relação levar a um conhecimento e amizade progressivamente tão íntima e forte que abarca toda a vida e que se torna, ela própria, em fator de confiança e segurança; e Deus passa de ladrão indesejável, que vem para roubar a alegria e a vida, a ser tido afinal como o amigo por cuja chegada se anseia, pois Ele é e traz em si próprio a vida e a alegria, abundante e plena, que nada mais nos pode dar.

E pode ser que se chegue a dizer como São Francisco Marto ou como Santa Teresa



do Menino Jesus: “Não receio o Ladrão... Vejo-O de longe e acautelo-me bem para não gritar: Agarra, que é ladrão! Pelo contrário, chamo-O dizendo: Por aqui! Por aqui!” (*Últimos conselhos e recordações*, 9 de junho, 4).

VER + A ARTE DO SANTUÁRIO

Glorificação de Nossa Senhora de Fátima

João de Sousa Araújo, 1967

Fruto de uma campanha artística no âmbito do Cinquentenário das Aparições, a Basílica de Nossa Senhora do Rosário viu o seu espólio enriquecido pelas telas e vitrais assinados por João de Sousa Araújo. No retábulo-mor do templo, preenchendo a face do camarim que, nesses anos, por causa da Reforma Litúrgica, perdera a sua função ritual, foi colocada uma grande tela nas mesmas tonalidades das lunetas apostas nos braços do falso-transepto.

O tema escolhido, na esteira das encenações da Época Moderna, foi a Glorificação de Nossa Senhora de Fátima, com ela se apresentando uma alegoria da mensagem da Cova da Iria, desde o momento das aparições até ao seu desenvolvimento eclesial sublinhado pela figuração dos papas que, até então, se relacionaram com Fátima.

O inconfundível traço de Sousa Araújo também nesta obra vive do alongamento das figuras, traçadas com espriado lirismo numa paleta muito contida, eivada de mistério, a fazer lembrar El Greco.

Marco Daniel Duarte

ANJOS PONTÍFICES

No canto superior esquerdo, sobre a Escada de Jacob e com esta potenciando o sentido de ligação entre o céu e a terra, o pintor desenhou um conjunto de três figuras aladas, com diferentes gestos orantes manifestados quer pela forma do rosto quer pela forma de apresentarem as mãos. Representam as orações que a humanidade, a partir de Fátima, eleva a Deus e, ao mesmo tempo, as bênçãos que dos céus descem à terra.

ESCADA DE JACOB

Servindo-se do episódio veterotestamentário narrado no livro do Génesis, Sousa Araújo usa da erudição do símbolo bíblico para, à maneira de metáfora, qualificar o fenómeno de Fátima: uma ponte — ou uma escada — entre o céu e a terra. Quase impercetível, este elemento traz ao quadro grande qualidade cénica, ao criar linhas de perspetiva que, em pirâmide, sublinham a profundidade do espaço.

BISPO DE LEIRIA

Entre as figuras do primeiro plano, encontra-se a representação de um bispo revestido de pluvial e munido de mitra e báculo. Fazendo-se alegoria da Igreja, a figura representa D. José Alves Correia da Silva, o prelado que declarou dignas de crédito as visões das três crianças que, com a sua mão direita, abençoa e, com a sua capa pluvial, agasalha.

TRÊS PASTORINHOS

Em primeiro plano, a grande alegoria apresenta os três pastorinhos de Fátima, precisamente na sua qualidade de videntes, em adoração perante o mistério que lhes foi dado contemplar. Ainda que representados no contexto da mariofania, o seu olhar — assim como o das restantes figuras da composição — encaminha-se para a hóstia que o Anjo lhes apresenta. Ainda que com alguns aspetos que remetem para as suas fotografias (Francisco tem carapuço e as pastorinhas lenços), a preocupação do autor não foi a do retrato físico, mas antes a de os mostrar idealizados e envolvidos pelo mistério que contemplam.



PAPAS

Na extremidade paralela à dos anjos, com a mesma amplitude semântica relativa à Escada de Jacob, veem-se os pontífices romanos que também têm a missão de ligar a terra e os céus. Usando da técnica do retrato, Sousa Araújo dá rosto a Pio XII, João XXIII e Paulo VI, caracterizando o primeiro pela coroa com a qual, através de um legado, coroou a Imagem de Nossa Senhora de Fátima e o último pela rosa de ouro com que, também por meio de um legado, distinguiu o Santuário de Fátima. Ao fundo, confundindo-se com as mitras dos papas, ergue-se a cúpula da Basílica de São Pedro, no Vaticano, expressão da validação de Fátima por Roma.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA MOSTRANDO O CORAÇÃO IMACULADO

A figura central da grande tela, ainda que o ponto nevrálgico da narrativa seja a hóstia nas mãos do Anjo, é a representação da Virgem Maria, desenhada como mediana vertical do campo pictórico. Pintada com uma paleta de tonalidades brancas, a figura de Maria, particularmente tratada a partir do alongado cânone maneirista, abre os braços para proteger as figuras do primeiro plano. Sobre o peito, nota-se a figuração do coração; sobre a mão direita, leem-se as contas do rosário.

ANJO DE FÁTIMA TRAZENDO A EUCARISTIA

Depois de Maria, é o Anjo a figura mais destacada da composição pictórica. Para corresponder às descrições das *Memórias* de Lúcia, a figura angélica não aparece com asas. Formado por vestes largas, o jovem curva-se perante a hóstia de que se faz portador, fazendo ecoar a cena da aparição do outono de 1916, na Loca do Cabeço. Custódio da Eucaristia, para as suas mãos se direcionam todos os olhares, o que corresponde ao ponto psicológico da pintura.

Apelos de paz e conversão marcaram

Nas homilias que ofereceu nos dias 12 e 13 de outubro, o arcebispo da Beira indicou o caminho da conversão pessoal e da caridade, sob a guia de Nossa Senhora, como a única forma de alcançar essa paz.

Diogo Carvalho Alves

As celebrações da Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de outubro trouxeram a Fátima mais de 260 mil peregrinos. A última grande peregrinação de 2025 teve a particularidade de ter iniciado ainda sem a presença da Imagem original de Nossa Senhora de Fátima, que cumpria a viagem de regresso à Cova da Iria, vinda de Roma, aonde foi a pedido do Papa Leão XIV para participar no Jubileu da Espiritualidade Mariana.

Antes do início da recitação do terço, o comentador das celebrações anunciou que a Imagem viria a marcar presença ainda naquela noite, na Cova da Iria, e que, até lá, o programa habitual seria cumprido com a escultura da primeira Virgem Peregrina de Fátima.

Escutar e viver a Palavra

Um caminho para a paz, por via de Nossa Senhora, foi delineado pelo arcebispo da Beira, Moçambique, D. Claudio Dalla Zuanna, na homilia da celebração da Palavra da Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de outubro.

“Como filhos dóceis, escutemos e ponhamos em prática a palavra do seu Filho Jesus, tecendo assim novas relações que vão além do sangue, da nação ou da cultura. Este é o caminho para a paz no mundo: como Nossa Senhora e com ela escutar e guardar a Palavra do Senhor nos nossos corações e cumpri-la no desenrolar da nossa vida pessoal, na família e na sociedade”, apontou D. Claudio Dalla Zuanna aos mais de 150 mil peregrinos reunidos no Recinto de Oração.

A partir desta “missão maternal” de Maria, o presiden-



te da peregrinação recordou a garantia da presença e proteção de Nossa Senhora na história da humanidade, sobretudo nos seus “momentos mais sombrios”.

“Esta noite em que nos vê reunidos em oração, Ela recorda-nos as trevas do ódio, da avidez e do sofrimento que envolvem muitos povos neste tempo em que o mundo parece ter perdido o rumo indicado por Jesus: ‘amai-vos uns aos outros como eu vos amei’”, reforçou, ao definir as aparições de Fátima como exemplo mais intenso e perceptível desta presença da “serva fiel” do Senhor.

Imagem de Nossa Senhora regressa à Capelinha, após ida a Roma

No final da celebração, após a procissão do silêncio, o andor com a escultura da Virgem Peregrina contornou o alpendre da Capelinha das Aparições e os peregrinos puderam, então, testemunhar o regresso da Imagem de Nossa Senhora de Fátima

ma ao lugar onde há mais de um século é venerada. Para anunciar o regresso da Imagem de Roma, onde esteve junto ao Santo Padre, o reitor do Santuário de Fátima, que acompanhou a viagem, dirigiu umas palavras aos peregrinos, nas quais descreveu estes dias únicos para a história de Fátima.

“Diante desta Imagem da Capelinha, milhares de peregrinos, em Roma, rezaram, agradeceram, pediram ajuda e proteção à Mãe do Céu. Diante desta Imagem da Capelinha, o Papa, o ‘Bispo vestido de branco’, rezou pela paz. Diante da Imagem da ‘Senhora mais brilhante que o sol’, o Santo Padre consagrou ao Imaculado Coração de Maria o mundo inteiro e toda a Humanidade, especialmente os atormentados pelo flagelo da guerra. E ao Santuário de Fátima o Papa Leão XIV ofereceu uma Rosa de Ouro, que hoje acompanha a Imagem. Esta ida da Imagem de Nossa Senhora a Roma é expressão da nossa união com o Santo Padre, por quem rezamos diariamente”.

A Imagem foi, depois, trazida e recolocada na peanha da Capelinha das Aparições, enquanto o coro entoava o cântico *Totus tuus Maria*. No seu local habitual, a Imagem foi incensada pelo presidente da peregrinação, já com a Rosa de Ouro oferecida pelo Papa Leão XIV exposta à sua frente.

Conversão e oração para a paz

No dia seguinte, na homilia da missa internacional de 13 de outubro, D. Claudio Dalla Zuanna exortou a assembleia de cerca de 110 mil peregrinos a participar na construção da paz através de uma mudança pessoal.

“Nossa Senhora indicou-nos como caminho para a construção da paz e a salvação do mundo a conversão pessoal. A paz de que tanto precisamos nestes nossos dias, como no tempo das aparições, só é possível, se o coração de cada um enveredar pelo caminho da conversão e se abrir ao bem, ao perdão, à solidariedade e ao cuidado da vida”, apontou o arcebispo da Beira, que concretizou

esta atitude desafiando cada um a atuar como missionário da esperança na sua própria vida.

“O Senhor quer que sejamos ‘pedras vivas’ na construção da sua morada entre os homens, na edificação da sua Igreja, que tem em Jesus Cristo a ‘pedra viva’ escolhida e preciosa, testemunhas de esperança e não simples usuários da ação de Deus e da Igreja em nosso favor”, apontou o presidente da celebração.

Além da conversão, D. Claudio Dalla Zuanna apontou também a oração, a adoração eucarística e a oferta em sacrifício, assente na renúncia dos interesses pessoais, no perdão e procura do bem comum, como meios ideais para uma peregrinação terrestre fecunda.

O presidente da peregrinação definiu a caridade como critério de autenticidade da vida cristã, com vista a um futuro assente na esperança do Evangelho, da qual a mensagem de Fátima é eco.

Na conclusão, o arcebispo da Beira proferiu uma oração a partir do ato de consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria que o Papa João Paulo II concretizou a 24 de março de 1984, diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Vítimas da guerra no radar do coração de Fátima

No final da celebração, o bispo de Leiria-Fátima, D. José Ornelas, agradeceu a presença de D. Claudio Dalla Zuanna, a quem dirigiu uma palavra de afeto especial para a Igreja em Moçambique, particularmente para a população de Cabo Delgado, que enfrenta uma situação de conflitos armados.

a última grande peregrinação de 2025

“A situação de Cabo Delgado não nos sai do radar do coração, da nossa solidariedade fraterna e da nossa oração à Mãe da Igreja, para que olhe para estes seus filhos e a todos nos conceda a paz”, afirmou D. José Ornelas, destacando, de seguida, o rejuvenescimento e crescimento da fé que a Igreja em África vive.

Sobre o conflito israelo-palestiniano, o bispo de Leiria-Fátima manifestou gratidão a Deus pelas “notícias encorajantes e sinais de paz”.

“Gaza está no nosso coração e pedimos à Mãe do Céu que estes sinais persistam para que se possa conseguir uma paz duradoura e dignidade para todos os que fazem parte daquela Terra

Santa, agora martirizada e destruída”, disse, estendendo o pedido pelo dom da paz a todas as zonas do mundo atualmente em guerra.

Para o período após as eleições autárquicas, D. José Ornelas pediu aos governantes “uma atenção particular àqueles que sofrem, aos que vêm de longe e que precisam de acolhimento específico”,

em prol de uma fraternidade e de um mundo melhor.

No dia 13 de outubro, assinalou-se também o 72.º aniversário da Sagração da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que aconteceu a 7 de outubro de 1953.

Participaram nas celebrações grupos de peregrinos de diversas proveniências: Portugal, Alemanha, Áustria,

Bélgica, Croácia, Espanha, França, Irlanda, Itália, Malta, Polónia, Suíça, Canadá, El Salvador, Estados Unidos, Haiti, México, Bolívia, Brasil, Colômbia, Coreia do Sul, Filipinas, Índia, Indonésia, Iraque, Japão, Malásia, Vietname, África do Sul, República Democrática do Congo, Ilhas Maurícias, Moçambique, Senegal e Uganda.

“O futuro da Igreja pode passar pelo continente africano”

Antes das celebrações de 12 e 13 de outubro, em entrevista à Voz da Fátima, o arcebispo da Beira falou da realidade da Igreja em Moçambique, onde “a fé envolve toda a pessoa”.

Diogo Carvalho Alves

À chegada à Cova da Iria, D. Claudio Dalla Zuanna em entrevista à *Voz da Fátima* definiu, desde logo, as principais intenções que trazia à Cova da Iria.

“Trago a intenção pessoal de confiar os sacerdotes de Moçambique a Nossa Senhora, mas venho sobretudo pedir pela paz no mundo inteiro, em especial em Moçambique”, antecipou o arcebispo da Beira.

Ao enfatizar a importância da mensagem de Fátima no contexto mundial atual, D. Claudio Dalla Zuanna destacou a caridade, que se abre a partir da oração, da adoração e da oferta do sacrifício como um dos aspetos que mais o tocam na mensagem que Nossa Senhora deixou aos Pastorinhos, nas aparições de 1917.

“Este indicar o caminho de uma relação com Deus, de um caminhar com Jesus e Nossa Senhora na contemplação dos mistérios e abrir-se à oferta de si mesmo, ao

sacrifício é caridade”, definiu o arcebispo da Beira, missionário em Moçambique pela Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos) há mais de 40 anos.

D. Claudio Dalla Zuanna, que nasceu na Argentina e se formou em Itália, relatou a sua chegada a Moçambique, em meados da década de 1980, durante a guerra civil, para afirmar a realização pessoal que sente em viver o seu ministério como missionário naquele país.

“Considero-me um padre, quase um ajudante pedreiro, no sentido pastoral, de proximidade com as pessoas. Sair deste ambiente popular de encontro e vir a Fátima encontrar-me com milhares de pessoas faz-me tremer um pouco as pernas, mas é uma oportunidade para crescer e poder entrar um pouco mais nesta experiência espiritual que o Santuário reserva”, confessou o presidente da peregrinação de outubro.

D. Claudio Dalla Zuanna falou da grande devoção de Fátima, centrada na oração do terço, que existe na sua arquidiocese. “É muito comum ver pessoas com o terço. Nos arquidiocesanos da Beira há a certeza de que Nossa Senhora nos acolhe e cuida de nós”, contou.

O arcebispo da Beira falou ainda dos desafios pastorais que se vivem em Moçambique, um país que, lembrou, se debate com o problema das desigualdades sociais, para o qual a Igreja tem procurado responder com uma oferta cada vez maior no âmbito da educação.

“Através da Universidade Católica, onde temos mais de 40 mil estudantes, tentamos aproximar os jovens do acesso ao ensino superior. Há também um compromisso bastante grande a nível das escolas primárias, secundárias e técnicas. Algumas congregações estão também a investir na formação técnica, para dar acesso ao merca-

do do trabalho, para que os jovens possam exercer uma profissão e com ela criar-se uma perspectiva de vida”, concretizou o arcebispo da Beira.

D. Claudio Dalla Zuanna destacou a vitalidade da fé em Moçambique e refletiu sobre a atenção que a Igreja tem vindo a dar ao continente africano.

“Moçambique é um dos lugares do mundo onde as vocações estão a aumentar. Isto é um percurso inverso daquilo que está a acontecer no mundo ocidental. O futuro da Igreja pode passar pelo continente africano. África pode contribuir com uma vivência da fé que envolve toda a pessoa”, sugeriu, deixando o exemplo vivido naquele continente após a pandemia de COVID-19.

“Enquanto aqui na Europa, muitos deixaram de participar na vida da Igreja, em Moçambique foi o contrário. Na reabertura, as igrejas encheram ainda mais do que an-

tes. O estar e conviver juntos, participando com a dança e a música, é expressão da própria fé”, explicou o arcebispo da Beira.





Peregrinação da Comunidade Ucraniana presidida pelo Arcebispo Maior de Kiev

A Peregrinação da Comunidade Ucraniana em Portugal ao Santuário de Fátima, que aconteceu a 5 de outubro, foi presidida por Sua Beatitude o Metropolita da Igreja Greco-Católica Ucraniana e Arcebispo Maior de Kiev, D. Sviatoslav Shevchuk, que celebrou a liturgia de São João Crisóstomo, na Basílica da Santíssima Trindade.

Participaram grupos ucranianos provenientes de Portugal, de Espanha e do Canadá.



Conferências Episcopais Europeias reuniram-se em Fátima

Cerca de 60 presidentes das Conferências Episcopais Europeias reuniram-se em Fátima, de 7 a 10 de outubro, para refletir sobre a missão evangelizadora da Igreja no atual contexto cultural e social.

Com o tema “Como ser discípulos missionários numa Europa secularizada”, o programa iniciou com a celebração da missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, presidida por D. José Ornelas, bispo de Leiria-Fátima.

No arranque dos trabalhos, o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, saudou os participantes e expressou alegria por ter sido este o lugar escolhido para receber o evento.



Comunidade surda peregrinou ao Santuário

Cerca de duas centenas de peregrinos participaram na Peregrinação da Comunidade Surda ao Santuário de Fátima, no dia 5 de outubro. O programa, integralmente preparado com interpretação em língua gestual portuguesa (LGP), incluiu a visita guiada a diversos espaços exteriores do Santuário e uma visita guiada à exposição “servir: a única pregação” e, ao final da manhã, uma celebração penitencial.

Na missa da peregrinação, celebrada na Basílica da Santíssima Trindade, a segunda leitura foi proclamada exclusivamente em LGP e o coro “Mãos que Cantam”, composto exclusivamente por pessoas surdas, animou dois momentos da celebração.

“Fátima não é um acontecimento de há 100 anos, mas algo vivo e atual”

O Santuário de Fátima recebeu cerca de 170 participantes na 19.ª edição do Curso sobre a Mensagem de Fátima.

Sara Francisco



O curso de sete sessões, que deu a conhecer e aprofundou a mensagem de Fátima, decorreu de 24 a 26 de outubro, no Centro Pastoral de Paulo VI, no Santuário de Fátima, sob a orientação da vice-postuladora da Causa de Canonização da Irmã Lúcia, irmã Ângela Coelho, da Aliança de Santa Maria (ASM), que, este ano, destacou a presença de muitos jovens.

“Temos postulantes e noviços de várias ordens religiosas de Fátima ou, pelo menos, ligados a Fátima. Temos gente muito jovem, que vem do norte ao sul do país, muita gente que veio do Brasil, também de Espanha, o que nos enche de profunda emoção”, revelou a religiosa da ASM, assinalando o interesse renovado dos participantes.

“As pessoas que participam, e que vêm do ano passado, gostam do que vivem, do que experimentam, e convidam o outro”.

Catarina Fernandes, de 31 anos, veio pela primeira vez, por incentivo de uma amiga, e descobriu aspetos da mensagem de Fátima que desconhecia. “Fátima não é um acontecimento de há 100 anos, mas algo vivo e atual”.

Ano após ano, a missão de aprofundar a compreensão teológica e espiritual da mensagem de Fátima tem convidado os participantes a vivê-la de forma consciente e comprometida no seu quotidiano. Ana Rosa Rocha, de 74 anos, participa há oito anos neste curso e partilha a motivação e “aprendizagem inspiradora” constantes que recebe da irmã Ângela.

“Levo o que aprendo aqui para a paróquia, onde continuo a reflexão com o grupo do Movimento da Mensagem de Fátima ao longo do ano”, refere a participante.

No final do encontro, Mateus Rodrigues, de 19 anos, em formação vocacional nos Carmelitas Descalços, veio a Fátima com outros elemen-

tos da sua ordem religiosa e sentia-se realizado com a participação no curso.

“Levamos connosco, sobretudo, a entrega de nós mesmos, que Deus nos pede, como o pediu aos pastoreiros”, referia à *Voz da Fátima*.

Já Isabel Cândia, de 61 anos, partilhou o que este curso lhe entregou: “Eu tinha de fazer um caminho através de Maria para perceber que o segredo de Fátima é descobrir a Santíssima Trindade”.

O curso terminou, mas a mensagem de Fátima continua, lembra a irmã Ângela Coelho, que assume o privilégio de poder continuar a partilhar aquilo que Nossa Senhora transmitiu em Fátima.

“Espero que os peregrinos saiam daqui não só a dizer ‘que maravilha o que Nossa Senhora disse’, mas também a perceber o que podem fazer no concreto das suas vidas, para que a mensagem continue a estar viva”.

A VOZ DO PEREGRINO

A experiência da peregrinação a Fátima contada na primeira pessoa

Neste Jubileu da Educação que, a 5 de outubro, reuniu professores e alunos em peregrinação ao Santuário de Fátima, perguntámos a estes peregrinos especiais sobre o dia vivido na Cova da Iria e sobre a importância da fé nas escolas.

Diogo Carvalho Alves



a nossa vida de estudante. Ter fé significa saber que Deus está ao meu lado e, por vezes, isso dá a força extra para conseguir ultrapassar as dificuldades naturais de quem está a tirar um curso superior. Fátima sempre foi e sempre será muito especial para mim, porque aqui posso sentir-me mais próxima e encontrar essa força de Deus”.

ANA LOURENÇO

Aluna da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

“Fátima sempre foi e será muito especial para mim”

“É especial vir ao Santuário no âmbito deste Jubileu e ainda mais porque aqui venho pela primeira vez trajada. No meu percurso académico, a fé ajuda-me a ter calma e a acreditar que as coisas acontecem a seu tempo. É necessário acreditar nas nossas capacidades e ser irmão das pessoas que estão à nossa volta, porque um curso não se faz sozinho e, neste meio, o companheirismo entre estudantes e professores é essencial. Felizmente, em muitas faculdades, incluindo a minha, já existem grupos onde podemos expressar a nossa fé e de interligá-la com



“A fé, no estudo, é essencial”

“Sou de São Tomé e Príncipe, muito devota de Nossa Senhora de Fátima, e

participar neste Jubileu da Educação é muito especial. Quando aqui estou sinto-me leve. Por exemplo, hoje de manhã, ao acordar, não me estava a sentir muito bem, mas ao chegar aqui, depois de rezar o terço na Capelinha, senti-me mais leve... Houve algo que me tocou cá dentro. Se pudesse pedir algo especial para este dia, pediria que Nossa Senhora guiasse alunos e professores, ajudando todos a seguir o caminho certo e a terem uma vida digna ao lado do Senhor. A fé, no estudo, é essencial. No meu caso, por exemplo, quando estou nervosa para um exame, rezar ajuda-me a sentir mais preparada”.

DELCLINE DAIO

Aluna da Escola Monsenhor José Galamba de Oliveira, de Leiria

“Vir aqui vale sempre a pena também pelo silêncio”

“A esperança é o que nos move todos os dias. Vale sempre a pena acreditar que há alguém, a cada manhã, que está à nossa espera para aprender algo. Por isso, a fé no contexto da educação é sinónimo desta esperança e confiança de que cada dia

pode ser melhor e de que podemos fazer a diferença na vida de alguém, seja de uma criança ou de um jovem. Ensinar é uma paixão e poder fazê-lo é algo de exigente, mas também muito gratificante. Vim a este Jubileu a título pessoal e foi um dia muito especial, sobretudo pela mensagem de esperança que aqui recebi e por me apontar o olhar para Nossa Senhora, no seu papel de educadora de Jesus. Vir aqui vale sempre a pena também pelo silêncio que se respira e que não se sente em mais lado nenhum”.



“Uma esperança radicada na encarnação”

“Vim ao Jubileu a convite do Secretariado Diocesano de Educação Cristã de Coimbra e foi uma experiência fantástica, pela sua intensidade. Sou professora há 36 anos e a idade trouxe-me outra maturidade, mais paciência e mais compreensão, mas a fé sempre foi essencial na minha profissão, porque me leva a acreditar e a ter esperança, uma esperança que é radicada na encarnação de Jesus Cristo. Vir junto da Mãe é sempre especial... neste dia, ainda mais”.



FILIPA FERREIRA

Professora de Português do ensino básico e secundário, na Escola dos Olivais, em Lisboa

MARIA DE FÁTIMA DIAS

Professora de Educação Moral e Religiosa Católica, no Agrupamento de Escolas de Alvaiázere

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 41 500 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Fotografia: Arquivo do Santuário de Fátima
Revisão: André Pereira e Carla Abreu Vaz
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone: 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt | www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF — Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, 161 | 3020-430 Coimbra

Doentes das dioceses de Angra e do Porto realizam retiro em Fátima

Ao longo de quatro dias, os participantes visitaram diversos espaços do Santuário e participaram em várias celebrações.

Secretariado Diocesano do MMF de Angra

O Santuário de Fátima, em colaboração com o Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) e a Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, promoveu um retiro espiritual para pessoas doentes das Dioceses de Angra e do Porto. A iniciativa decorreu de 18 a 21 de setembro de 2025, na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, em Fátima.

Ao chegar a Fátima, na quarta-feira, dia 17, os participantes de Angra foram recebidos com uma mensagem de boas-vindas do padre Daniel Mendes, assistente nacional do MMF. Na quinta-feira, juntaram-se a Diocese do Porto e os voluntários Servitas que, em conjunto com o padre João Paulo Quelhas, orientaram todo o retiro.



No primeiro dia de retiro, dia 18, foi lançado o desafio de se separarem dos seus conhecidos e de se darem a conhecer aos participantes

que não conheciam.

Durante os quatro dias, os integrantes participaram nas várias celebrações, incluindo a Bênção dos Capa-

cetes, visitaram os Valinhos, a Loca do Cabeço, a Basílica da Santíssima Trindade, a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e a Ca-

pelinha das Aparições.

Participaram, ainda, na eucaristia, na adoração ao Santíssimo Sacramento, na celebração penitencial, nas confissões e na unção dos enfermos.

Durante todo o retiro, foi notória a satisfação, emoção e gratidão nos rostos de cada doente. No final, muitos partilharam os seus testemunhos: “Nunca senti o que senti estes dias”; “Estou maravilhada!”; “Eu não queria nada ir-me embora”; “Foi muito bom, a equipa foi extraordinária, esteve sempre pronta a ajudar e a orientar”.

Foram, sem dúvida, dias inesquecíveis, que ficarão para sempre gravados tanto na memória como no coração de todos os participantes.

A gratidão do caminho

Grupo Peregrinos de Maria, da Diocese de Portalegre-Castelo Branco, viveu a graça da peregrinação a pé ao encontro de Nossa Senhora.

Jaime Caria | Responsável diocesano do MMF da Pastoral das Peregrinações da Diocese de Portalegre-Castelo Branco

Com alegria e gratidão, partilhamos o testemunho do grupo Peregrinos de Maria, da Diocese de Portalegre-Castelo Branco, um entre os muitos grupos que, no mês de outubro, viveram a graça da peregrinação a pé rumo ao encontro fraterno e maternal com Nossa Senhora.

A Comissão de Apoio aos Peregrinos a Pé, coordenada pelo Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), acompanha e apoia, com dedicação e espírito de serviço, todos aqueles que, movidos pela fé, se colocam a caminho, transformando cada passo em oração e cada cansaço em oferta.

Que o testemunho destes peregrinos, de todos os guias credenciados, responsáveis, entidades e voluntários que colaboram com a Comissão



sirva de inspiração para todos os que são chamados a fazerem das suas vidas uma peregrinação de fé e encontro, um caminho para ver a Deus.

“No passado dia 25 de outubro, os Peregrinos de Maria de Castelo Branco concluíram a sua peregrinação

de outubro com uma celebração na Concatedral de Castelo Branco.

À semelhança do que acontece em maio, este grupo tem já por hábito realizar esta cerimónia para encerrar o ciclo anual das peregrinações a pé ao Santuário de

Nossa Senhora de Fátima, momento de fé e devoção que marca profundamente a vida espiritual dos participantes.

Este ritual teve o seu ponto de partida nas reuniões/formações promovidas pelo MMF, das quais nasceram

momentos de oração, reflexão e partilha que ajudaram os peregrinos a preparar-se espiritualmente para a caminhada.

A celebração constituiu uma ação de graças, reunindo os peregrinos, familiares e amigos, que se associaram em oração para agradecer as bênçãos recebidas ao longo do caminho. Foi também ocasião para renovar o compromisso de caminhar com Maria, levando o testemunho de fé e de fraternidade cristã às comunidades por onde passam.

Os Peregrinos de Maria de Castelo Branco continuam, assim, a dar um exemplo de perseverança, entrega e espírito comunitário, mantendo viva a devoção mariana que inspira e fortalece tantos fiéis.

Adolescentes de Fátima redescobrem a mensagem e o testemunho dos Pastorinhos

Encontro foi promovido pelo Setor Juvenil do Movimento da Mensagem de Fátima e juntou jovens do 7.º ao 10.º anos da catequese.

Setor Juvenil do MMF

A manhã de 25 de outubro acordou cinzenta e chuvosa. A chuva caía persistente, mas não conseguiu travar a vontade e o entusiasmo dos adolescentes do 7.º ao 10.º anos da Catequese da Paróquia de Fátima. Com guarda-chuvas abertos e sorrisos no rosto, lá estavam todos reunidos na Casa da Visitação, prontos para viver uma manhã diferente, preparada pelo Setor Juvenil do Movimento da Mensagem de Fátima.

O objetivo era simples, mas cheio de significado: redescobrir a mensagem de Fátima e deixar-se inspirar pelos exemplos dos Santos Francisco e Jacinta Marto e da Irmã Lúcia. E foi exatamente isso que aconteceu. A chuva, em vez de atrapalhar, acabou por dar um tom especial à atividade. Como alguém comentou, “a terra precisa da água para florescer e o coração precisa da fé para viver”. E foi com este espírito que os jovens se deixaram guiar.

O encontro começou com um gesto simbólico: cada



adolescente escolheu um pequeno objeto ligado à vida dos Pastorinhos. Ao longo da manhã, cada objeto foi ganhando sentido, revelando um bocadinho daquilo que Deus quer dizer através das coisas simples.

Mais tarde, o grupo seguiu para a Casa das Candeias, um espaço cheio de luz e

de história, onde se conta a vida de Francisco e Jacinta como quem abre um vitral que deixa passar o Evangelho. Lá, os jovens puderam conhecer melhor quem foram estas duas crianças e como viveram, com coragem e pureza, o pedido de Nossa Senhora: rezar e oferecer-se pelos outros.

Um dos momentos mais tocantes foi quando viram de perto as relíquias dos Santos Francisco e Jacinta Marto, presentes na exposição. Para muitos, foi a primeira vez. O silêncio que se fez nesse instante falou mais alto do que as palavras. Havia emoção, respeito e uma presença viva que se sentia no coração. Re-

cordaram também a Irmã Lúcia, que levou mais longe a luz recebida em Fátima, guardando-a e partilhando-a com o mundo. Os jovens perceberam que a santidade não está nas grandes coisas, mas nos pequenos gestos do dia a dia, nas palavras certas, no perdão, na oração, na atenção ao outro.

A manhã terminou na Capelinha das Aparições, diante da Imagem de Nossa Senhora. Foi um tempo de silêncio e entrega. Cada um, à sua maneira, confiou a Maria as suas intenções, os seus sonhos e também as suas dúvidas.

No fim, entre risos, fotos e despedidas, via-se nos rostos a serenidade de quem viveu algo verdadeiro. Para uns foi o primeiro encontro profundo com a mensagem de Fátima, para outros uma redescoberta que reacendeu a fé e a vontade de caminhar com Jesus. Na volta para casa, alguém disse em voz baixa: “Mesmo com chuva, o nosso coração ficou cheio de luz”. E foi exatamente isso.

Boletim anual do MMF já está disponível

Quadriénio que se inicia em 2025 centra-se na temática “Graça e Misericórdia”, que convida a redescobrir os corações de Jesus e de Maria.

Secretariado Nacional do MMF

O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) apresenta o seu Boletim anual, instrumento de formação e comunhão que procura ajudar os mensageiros e todos os devotos de Nossa Senhora a viver, com maior profundidade, o tema do ano pastoral.

Em 2025 inicia-se um novo quadriénio pastoral, centrado na temática «Graça e Misericórdia»; um convite a redescobrir os corações de Jesus e de Maria e a deixar-mo-nos transformar pela

Sua graça. Neste contexto, celebraremos com alegria o centenário das aparições Cordimarianas.

Este quadriénio será desenvolvido em dois biénios; o primeiro, de 2025 a 2027, terá como tema «Maria, Caminho para ver a Deus», mote que inspira, também, o presente Boletim.

O Boletim constitui um itinerário de reflexão e oração, convidando cada mensageiro e leitor a redescobrir, à luz da Mensagem de Fátima, os



caminhos da conversão, reparação e compromisso cristão no mundo atual.

O Boletim tem o custo de 6€ e pode ser adquirido no Secretariado Nacional, em Fátima, ou nos Secretariados Diocesanos. Quem preferir pode encomendá-lo através do Secretariado Nacional, acrescentando os portes de envio via CTT.

Para encomendar deverá enviar um e-mail para: secretariadonacional@mmf-fatima.pt.

Congregações e institutos fundados a partir de Fátima reuniram-se pela primeira vez

Encontro “Mensagem e Carisma” juntou 24 institutos de vida consagrada provenientes de 12 países.

Diogo Carvalho Alves

O Encontro “Mensagem e Carisma” reuniu em Fátima, de 13 a 16 de outubro, 24 institutos de vida consagrada fundados a partir do acontecimento de Fátima, provenientes de 12 países.

Na sessão de abertura, o reitor do Santuário de Fátima destacou o Encontro como uma oportunidade privilegiada para se conhecer cada instituto e a forma como concretiza esta ligação a Fátima e o respetivo carisma.

“Ao promover este Encontro, o Santuário de Fátima pretende manifestar a sua profunda gratidão aos consagrados e consagradas pelo seu testemunho de vida, de entrega e pela colaboração com a pastoral do Santuário”, afirmou o padre Carlos Cabecinhas.

A saudação formal a cada instituto e congregação coube ao diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima. Marco Daniel Duarte deu a conhecer dados da investigação em curso no Santuário, que confirma a influência de Fátima na fundação de 40 congregações, institutos e associações de fiéis de vida consagrada, espalhados pelo mundo.

O bispo de Leiria-Fátima, D. José Ornelas, deu as boas-vindas e refletiu sobre a natureza essencialmente missionária da espiritualidade de Fátima.

“O Santuário é o lugar de peregrinação. Chega-se, recebe-se, escuta-se e parte-se. A espiritualidade de Fátima se não leva à missão não é completa. E é isso que eu peço também para a nossa vida consagrada”, desafiou D. José Ornelas.

Uma das convidadas do Encontro foi a prefeita do



Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, a irmã Simona Brambilla, que inaugurou as apresentações com uma reflexão sobre a espiritualidade mariana na vida consagrada do século XXI.

Ao longo dos quatro dias em que decorreu o Encontro, os participantes puderam refletir sobre a mensagem de Fátima e aprofundar alguns dos aspetos que iluminam a matriz das congregações e institutos inspirados em Fátima.

O programa proposto foi diversificado e incluiu a intervenção de investigadores e especialistas nas temáticas de Fátima e da vida religiosa. O Encontro deu também lugar à partilha das diferentes famílias religiosas sobre a sua história,

carisma e ação quotidiana, bem como a participação em momentos celebrativos, um concerto musical e uma visita aos espaços da Cova da Iria e à exposição temporária do Santuário.

O dia 16 de outubro foi dedicado exclusivamente aos membros dos institutos de vida consagrada fundados a partir de Fátima, que puderam visitar as casas dos videntes, em Aljustrel, e também os lugares das aparições, nos Valinhos.

No final do Encontro, o diretor do Departamento de Estudos fazia uma avaliação positiva deste momento que permitiu aprofundar “uma das facetas mais criativas do fenómeno Fátima”.

“Estamos habituados a perceber este fenómeno a partir dos seus conteúdos teológicos, da narrativa historiográfica, das questões ligadas à peregrinação e até da repercussão que o fenómeno tem no mundo... Este Encontro, já baseado na investigação do Departamento de Estudos, demonstra como de Fátima nasceu uma árvore que dá sentido à vida de muitas pessoas que adotaram os conteúdos de Fátima para regarem as suas vidas”, disse à *Voz da Fátima* Marco Daniel Duarte, ao destacar a oportunidade que este Encontro ofereceu para o conhecimento mútuo entre as congregações religiosas fundadas a partir de Fátima.

Participaram no Encontro institutos de vida consagrada provenientes de diversas geografias: Portugal, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos da América, Itália, México, Porto Rico, Moçambique e Uganda.



“Moçambique dilatou-me o coração”

Viveu dois anos como missionária entre o povo Macua. Parece pouco tempo, mas para a irmã Simona Brambilla foi o suficiente para adquirir uma compreensão do humano com a qual a sociedade ocidental, na sua opinião, tem muito a aprender.

Patrícia Duarte

Nomeada pelo Papa Francisco, no início deste ano, para dirigir o Dicastério para a Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, a irmã Simona Brambilla, missionária da Consolata, foi uma das oradoras do Encontro “Mensagem e Carisma”, promovido pelo Santuário de Fátima. À margem do evento, falou com a *Voz da Fátima* e a *Rádio Renascença* sobre o trabalho que desenvolve no Vaticano e a experiência como missionária, no norte de Moçambique, junto do povo Macua, no final da década de 90. Enfermeira, com doutoramento em Psicologia, foi ainda superiora geral do Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata.

Que significado e relevância considera que a mensagem de Fátima pode transportar para o mundo atual?

Eu fiquei bastante tocada pela dimensão da luz e pelo facto de Nossa Senhora, para os Pastorinhos, ter sido mediadora de luz. Eles dizem que Nossa Senhora abriu as mãos durante a primeira aparição e que, através dessas mãos, chegou uma luz clara, boa, que os ajudou a verem-se a si mesmos como num espelho e a experimentarem a exigência de cair em adoração de joelhos. Parece-me que esta é uma parte da mensagem de Fátima que tem muito que dizer sobre aquilo que nós hoje precisamos. Precisamos de luz, de um ambiente seguro, claro, onde possamos ter a coragem de olhar para dentro de nós mesmos, onde não haja a m e a c a , m e d o de r e c o - n h e c e r

aquilo que somos e experimentar este Deus que nunca nos julga, nunca nos ameaça, mas acompanha.

Outra dimensão é a da conversão, que quer dizer transformação interior profunda. O sínodo falou da conversão, desta capacidade de ampliar o coração, deixar-se libertar daquilo que pode ser rigidez, de tudo aquilo que nos limita na nossa visão, no nosso diálogo, nos nossos relacionamentos.

Há escassez de vocações para a vida consagrada em algumas regiões do mundo, enquanto noutras há muitas vocações. Este desequilíbrio é um tema que faz parte do seu trabalho diário?

Sim, principalmente na escuta das conferências dos superiores e das superiores nos vários lugares. Há uma parte do mundo, a parte ocidental, onde as vocações estão a diminuir numericamente, aumentando com a idade, enquanto noutros lugares do planeta é o contrário: há um desenvolvimento e um crescimento até numérico de vocações. O Espírito chama onde ele quer e é bom que nós possamos acompanhar esse trabalho do Espírito, acompanhando também aqueles institutos que vão completando a própria experiência nesta terra.

Refere-se às congregações que fecham?

Sim. Há congregações que agora têm cinco ou 10 membros já de idade. Como acompanhar estas irmãs ou irmãos a concluir de maneira digna, de maneira espiritual e humanamente sadia esta experiência, deixando uma herança benéfica? Muitas vezes, há um acompanhamento junto de outros institutos

que, por afinidade carismática, se prestam a assumir esses poucos membros.

A irmã trabalhou em Moçambique. Como é que essa experiência no terreno, tão diferente do mundo ocidental, contribuiu para que hoje possa fazer um trabalho mais lúcido?

Para mim foi e é uma experiência muito preciosa em termos de dilatação do coração, mas também da mente, da compreensão do humano. As categorias ocidentais são diferentes das categorias do mundo africano. Aprender outras categorias mentais, mas também afetivas e espirituais, é uma experiência que enriquece. A mim enriqueceu-me muito e ajudou-me a quebrar alguns esquemas fixos que eu tinha. Por exemplo, o povo Macua, com o qual tive a graça de viver e por quem fui acolhida com muito afeto, muito respeito, no norte de Moçambique, tem uma experiência cultural, espiritual, humana muito diferente da cultura onde nasci.

Em que sentido?

É um povo matriarcal, matrilocal, matrilinear. Tudo gira em torno da mulher e da mãe. Até a imagem de Deus: Deus é mãe, Deus é mulher. É uma sociedade implantada nestas categorias mentais. Isso ajudou-me a poder ver a vida, mas também a experiência cristã, de outra maneira, com outra luz, e a ampliar os horizontes. Depois, a sensibilidade extraordinária deste povo que tem uma capacidade intuitiva excecional. Naquele tempo, não tínhamos internet, não tínhamos telefone. Para fazer um telefonema, devíamos percorrer 150, 200 quilómetros de estrada não alcatroada. Embora faltasse

este tipo de comunicações, tinham outro tipo de comunicação. As pessoas desenvolveram uma capacidade de empatia, por exemplo, de perceber aquilo que você sente, que você pensa, incrível. Eu fiquei até assustada às vezes: “estas pessoas leem o meu coração, leem a minha mente”. É um mundo espiritual humano, onde algumas qualidades são mais desenvolvidas do que na sociedade ocidental, muito cerebral e muito tecnológica.

Mais humana?

Mais humana, sim, mais à medida da pessoa, sem correr tanto assim, sem ficar atrás desse ser competitivo, desta ânsia, desta angústia de prestação. Ali levanta-se às três da madrugada e vai-se a pé, com a enxada aos ombros, trabalhar no campo. Trabalha-se mesmo, mas é uma maneira mais humana, mais natural, mais ecológica de viver.

Faz parte dos objetivos da Igreja ter mais formação a esse nível para haver mais acompanhamento e se conhecer melhor as pessoas?

Neste caminho sinodal de-mo-nos conta de quanto precisamos de construir pontes, onde estas sabedorias até eclesiais possam encontrar-se, dialogar e trocar dons. Isto é muito importante, porque somos todos cristãos, sim, mas, pertencendo a contextos culturais diferentes, declinamos também a nossa fé a partir das nossas categorias. Então, pôr em diálogo estas diferentes perceções é importante e enriquecedor. Na caminhada sinodal da Igreja, colocando em comum estas diferentes perceções, experimentamos que não é fácil, mas também o quanto é frutuoso.



Coração é “Refúgio e Caminho” nos 100 anos das aparições de Pontevedra

Contemplar, com Lúcia de Jesus, as aparições de Pontevedra, na nova exposição do Santuário de Fátima.

João Duarte Mendonça

O Imaculado Coração de Maria como “Refúgio e Caminho” é referência essencial da nova exposição temporária do Santuário de Fátima. Com inauguração marcada para o dia 29 de novembro, a exposição propõe aos visitantes a contemplação.

As aparições de Pontevedra estão na origem da devoção dos primeiros sábados e contam 100 anos desde as datas de 10 de dezembro de 1925 e 15 de fevereiro de 1926. A exposição “Refúgio e Caminho” comemora o centenário destas aparições e pretende, segundo Marco Daniel Duarte, diretor do Museu do Santuário de Fátima e comissário

da exposição, “colocar diante dos visitantes um exercício ancorado na museologia da contemplação”. Tais aparições são parte do ciclo cordimariano, um terceiro ciclo de aparições ocorridas entre 1925 e 1929, posteriores ao ciclo angélico de 1916, e ao ciclo mariano de 1917. Estes diferentes ciclos estão presentes na exposição, mas o discurso expositivo desenvolve as aparições das datas das quais se assinala o centenário.

De acordo com Marco Daniel Duarte, serão desenvolvidos “os conteúdos relacionados com o que, na linguagem dos teólogos, se denomina de mariofania e de cristofania”.

Pelo Imaculado Coração de Maria e com sustentação na sua iconografia, a exposição coloca em relevo “temas maiores como são o das relações humanas no contexto da construção da paz mundial”, diz o responsável.

A forma iconográfica do Coração de Maria é assumida tal como Lúcia afirma ter visto, com coroa de espinhos. Essa representação iconográfica é mostrada ao visitante de modo a dar a compreender como surgiu e se desenvolveu.

Pela primeira vez serão mostradas peças como o hábito de doroteia de Lúcia de Jesus, objetos do seu quotidiano, um altar e para-

mentos em miniatura manualmente construídos pela própria Lúcia.

Esta exposição conta “com obras de arte propositadamente criadas para serem integradas no discurso museológico” das quais Marco Daniel Duarte destaca as “peças de Sílvia Patrício, de Paulo Nogueira e de Matilde Olivera”, “sendo esta artista a autora responsável pela representação escultórica da visão de Lúcia de 10 de dezembro de 1925”. Com criações novas integradas na exposição, o comissário refere Ana Bonifácio, Ana Lima-Netto, Francisco Gomes, Humberto Dias, Ilda David,

Inês do Carmo, Irene Vilar, Joana Delgado, João de Sousa Araújo, Joaquim Correia, Luís Costa, Manuel Alves Dias, Maria Amélia Carvalheira, Ricardo de Campos, Russell West, Sandra Bartolomeu e Thomas McGlynn, o que torna claro que, tal como nas exposições anteriores, há diálogo entre obras de arte antiga e obras de arte contemporânea.

O título “Refúgio e Caminho” — exposição comemorativa do centenário das aparições de Nossa Senhora de Fátima em Pontevedra” sinaliza a concórdia das aparições de Pontevedra com as aparições do ciclo angélico e do ciclo mariano.

Santuário de Fátima retoma horário de inverno

O Santuário de Fátima adotou, desde o passado dia 1 de novembro, o horário de inverno, que se vai manter até à Páscoa..

Sara Francisco

Com o novo horário de inverno, a missa das 11h00 passa a ser celebrada, de segunda a sexta-feira, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (BNSRF) e, ao fim de semana, na Basílica da Santíssima Trindade (BSST). A missa das 12h30 passa a celebrar-se na Capelinha das Aparições todos os dias e, ao domingo, a missa das 16h30 transita para a BSST.

As missas diárias das 7h30 e das 18h30 permanecem na BNSRF.. De segunda a sábado, às 9h00, às 15h00 e às 16h30, a missa é celebrada na Capela da Morte de Jesus e, ao domingo, nesses mesmos horários, na BSST.



Na Capelinha das Aparições, o rosário das 14h00 deixa de ter periodicidade diária e passa a ser recitado apenas aos sábados e domingos. Já o rosário das 16h00, que se recitava ao sábado e ao domingo, passa a ser apenas recitado ao domingo.

A veneração dos Santos Francisco e Jacinta mantém-se, de segunda a sexta-feira, às 18h00, na BNSRF.

Ainda que este seja o programa do horário de inverno, em alguns momentos, como na ocasião das celebrações natalícias, na Quaresma e na Semana Santa, o programa celebrativo sofrerá alterações específicas, que estarão disponíveis em www.fatima.pt.

AGENDA novembro

16 dom	DIA MUNDIAL DOS POBRES
29 sáb	JORNADA DE APRESENTAÇÃO DO ANO PASTORAL DE 2025-2026 INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA DO MUSEU DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA COMPROMISSO DO VOLUNTÁRIO (MISSA DAS 18H30)
30 dom	DOMINGO I DO ADVENTO INÍCIO DO ANO PASTORAL DE 2025-2026

dezembro

6 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
7 dom	DOMINGO II DO ADVENTO VIGÍLIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA
8 seg	IMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA — SOLENIDADE